

A forma farmacêutica em perspectiva: cartas-diários como modos de fazer ciência feminista

The pharmaceutical preparations in perspective: Letters-diaries as ways of doing feminist science

Fernanda Mariath
Luis Philipe Nagem Lopes

RESUMO

O fármaco é o princípio ativo do medicamento, também conhecido como a substância química que vai garantir o efeito terapêutico. Para ser bem-sucedido em sua ação, o fármaco precisa desvincular-se de sua forma farmacêutica. Nós autores, ambos farmacêuticos, passamos por um processo similar, quando decidimos realizar pós-graduação em programas interdisciplinares. As demarcações políticas de nossa ciência feminista hoje relembram a potência de sair do invólucro farmacêutico para agir como um fármaco ativo: pesquisadora e pesquisador politicamente situados. Essa construção tem sido permeada por crises e desconfortos, mas encontramos acolhimento na troca de cartas e trechos de nossos diários de campo através de áudios compartilhados pelo *WhatsApp*, aquilo que chamamos de cartas-diários. Nelas, compartilhamos nossas problematizações de pesquisa e como temos construído a metodologia das nossas teses e dissertações em andamento. Portanto, a proposta deste capítulo é refletir sobre uma (outra) forma de produção acadêmica que valorize o “fazer juntos”. Faremos isso através de trechos costurados de nossas cartas-diários pelo *WhatsApp* e de fragmentos de nossos diários de campo. Nessa bricolagem afetiva-intelectual, vamos restituir a reflexividade do processo no qual nós dois temos vivido ao sair de nossas formas farma-

cêuticas para experimentarmos novas formas interdisciplinares e coletivas de fazer pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: *Podcast*; Etnografia; Feminismo.

ABSTRACT

The drug is the active ingredient in the pharmaceutical drug, also known as the chemical substance that will ensure the therapeutic effect. To be successful in its action, the drug needs to detach itself from its pharmaceutical preparation. We authors, both pharmacists, went through a similar process when we decided to do postgraduate studies in interdisciplinary programmes. The political demarcations of our feminist science today recall the power of breaking out of the pharmaceutical capsule to act as an active drug: politically situated researcher. This construction has been permeated by crises and discomfort, but we have found welcome in the exchange of letters and excerpts from our field diaries through audios shared on WhatsApp, what we call diary-letters. In them, we share our research problematizations and how we have constructed the methodology of our ongoing theses and dissertations. Therefore, the purpose of this chapter is to reflect on a (different) form of academic production that values “doing together.” We will do this by stitching together excerpts from our WhatsApp diary-letters and fragments from our field diaries. In this affective-intellectual bricolage, we are going to restore the reflexivity of the process in which we have both lived by leaving our pharmaceutical preparations to experiment with new interdisciplinary and collective ways of doing research.

KEYWORDS: *Podcast*; Ethnography; Feminism.

Figura 1 – *Qr Code* para ouvir o capítulo



Fonte: Elaboração própria através de *Br.QrCode Generator* (2025).

Roteiro

LEGENDA

Blocos

Sonoplastia

Trecho da música “Feminista *in vitro*”

Abertura

Fernanda: Olá! Tudo bem? Você parou em um capítulo um pouquinho diferente do usual. Nós o escrevemos como o roteiro de um episódio de *podcast*. Então, recomendamos que você o escute através do *QR Code* acima. Mas você também pode apenas ler, ou ler e escutar, ou só escutar – o que você preferir! O que queremos é que você fique confortável. Então, vamos lá! Eu sou Fernanda Mariath, farmacêutica, mes-tranda em Divulgação Científica e Cultural na Unicamp, orientanda da professora Daniela Manica e parte do Labirinto. Ah, também faço parte do *podcast Mundaréu*, mas depois eu falo mais sobre isso!

Luis: E eu sou o Luis Philipe Nagem Lopes, farmacêutico, mestre em Ciências Farmacêuticas e doutorando em Saúde Coletiva no Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a UERJ. Eu e a Mariath nos conhecemos durante a nossa graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro, a UFRJ. Nos tornamos farmacêuticos juntos. Mas o que significa ser farmacêutico? Você pode explicar melhor, amiga?

Fernanda: Costumam nos qualificar como o “profissional dos medicamentos”, ou seja, especialistas em medicamentos, desde seu desenvolvimento, produção, regulamentação, análise, manipulação, dispensação e monitoramento pós-utilização. Podemos atuar em farmácias, hospitais, na indústria farmacêutica, na pesquisa, na regulação, na vigilância sanitária... até desempenhar funções que não são diretamente relacionadas a fármacos. Mas, em geral, uma farmacêutica atua nas di-

ferentes etapas da produção de medicamentos, desde o desenvolvimento de novos fármacos até as orientações aos pacientes sobre o uso adequado dos medicamentos já disponíveis no mercado.

Luis: Existe uma forma específica e protocolada de produzir novos medicamentos. Uma substância passa anos em testes de laboratório com células e animais antes de se tornar um fármaco em potencial. Somente após essas etapas, chamadas pré-clínicas, esses produtos podem avançar para a experimentação com seres humanos, com o objetivo de verificar sua segurança e eficácia, bem como obter o registro sanitário para uma determinada condição clínica por meio de agências reguladoras. Todo esse desenho experimental segue a lógica científica hegemônica e convencional, fundamentada na objetividade, neutralidade e quantificação. Além disso, a formação nos cursos da área da saúde, incluindo a Farmácia, é imersa na mesma farmaco-lógica massificante, universalista e generalizante, orientada pelo modelo biomédico.

Fernanda: Com pouquíssimo espaço, ou praticamente nenhum, para particularidades e especificidades. Toda a nossa formação foi centrada nesse produto farmacêutico, sempre vinculado a um corpo genérico – superficialmente sem sexo, gênero, raça ou classe. Contudo, ao olhar com atenção, rapidamente se tornava evidente de qual corpo estávamos falando: o do homem branco, cisgênero, heterossexual e com dinheiro. A problematização que queremos fazer aqui é entender os medicamentos como produtos desenhados para fins específicos, alinhados aos interesses de um grupo bem delimitado de indivíduos. Esses produtos farmacêuticos beneficiam esse dito corpo universal, seja na criação de tecnologias voltadas para o controle de corpos subalternizados, como Brandão (2022a, 2022b) discute, ou no aproveitamento das precariedades em saúde para a experimentação, como Rosana Castro (2018) aborda em sua tese.

Luis: E assim foram nossos anos de graduação: atravessados por um incômodo e uma contradição constante. Não nos sentíamos parte daquele espaço, daquelas discussões e, muitas vezes, daquele grupo de pessoas. E, ao mesmo tempo, questionávamos se o erro não estava em nós, se faltava foco ou, talvez, até uma frieza, um certo distanciamento. Buscamos formas de permanecer na universidade, mesmo não nos sentindo parte dela – pelo menos, não do circuito de farmacêuticos.

Fernanda: Mas, ao mesmo tempo, gostávamos de problematizar os medicamentos e de fazer experimentos em laboratórios. Eu lembro de me sentir inadequada, mas lembro também de me divertir, de me sentir empolgada, motivada e até apaixonada. Fomos procurando formas de dar vazão às nossas inquietações. O Luis Phillipe fez uma pesquisa de iniciação científica com o tema da cannabis medicinal e do ativismo canábico entre famílias que buscavam acesso ao tratamento por meio de mobilizações comunitárias, como as Organizações Não Governamentais. E eu entrei em um projeto de divulgação científica sobre plantas medicinais, o PlantaCiência. Eu produzia conteúdo para as redes sociais, participava de atividades em escolas, contribuía para um programa da Rádio UFRJ, escrevia colunas e até elaborava jogos didáticos na temática para esse projeto. No PlantaCiência, pude explorar metodologias científicas com mais espaço para a criatividade.

Luis: E não só isso, né amiga. Foi no PlantaCiência que você começou a ter mais contato com a temática de mulheres na ciência. Eu lembro das suas primeiras colunas sobre cientistas, o artigo que você escreveu sobre mulheres laureadas com o Nobel para Ciência Hoje... Você começou a entrar em contato com a literatura feminista. A gente se incomodava com a falta de espaço para a criatividade, mas nossa principal inquietação era a desconexão com as pautas sociais e com as pessoas, de maneira geral. Ser qualificado como “profissional do medicamento” me incomodava demais.

Fernanda: Você tem toda razão, amigo. E eu fico pensando... a gente teve uma forma farmacêutica construída durante os anos de formação. Assim como um fármaco passa por diversas operações farmacêuticas até se transformar em um comprimido ou uma pomada, nós fomos submetidos a um aprendizado intenso e a um treinamento específico que moldaram nossa maneira de enxergar o mundo e de fazer ciência. Tudo isso nos envolveu e moldou, como a cápsula que dá forma a um medicamento.

Luis: Por outro lado, as demarcações políticas de nossas pesquisas em andamento relembram a potência de sair desse invólucro farmacêutico para agir como um fármaco ativo: pesquisadores e pesquisadoras situados. Assim como um fármaco, que, para ser bem-sucedido, precisa desvincular-se de sua forma farmacêutica, nossa decisão de percorrer novos caminhos, realizando pós-graduação em programas interdisciplinares, foi a nossa forma de nos tornarmos pesquisadores e pesquisadoras apoiados em uma ético-política feminista – ou melhor, fármacos ativos.

Fernanda: O que não foi livre de tensões e desafios, essa construção tem sido permeada por crises. Mas encontramos acolhimento na troca de cartas e trechos de nossos diários de campo, através de áudios compartilhados pelo *WhatsApp* – aquilo que apelidamos carinhosamente de cartas-diários. Em *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*, Gloria Anzaldúa (2000, p. 229) questiona: “Como começar novamente? Como alcançar a intimidade e imediatez que quero? De que forma? Uma carta, claro”. Foi através das nossas cartas-diário, das nossas trocas e afetos cotidianos (entre nós, conosco e com nossos coletivos) que construímos nossas pesquisas. E, ah, é preciso dizer também, com muito apoio, direção e incentivo das nossas queridas orientadoras, Daniela Manica e Rosana Castro.

Luis: Neste capítulo, tomamos como exercício pensar esse processo à luz da reflexividade antropológica, puxando fios e traçando pontos,

nem sempre lineares, de nossa jornada até o lugar onde estamos atualmente, construindo nossas teses e dissertações. Escolhemos a metáfora da forma farmacêutica para ilustrar esse trânsito de formação e produção do conhecimento, juntamente com nossa trajetória acadêmica.

Fernanda: Isso faz parte de um movimento do Labirinto em experimentar tropos, metáforas e figurações como estratégias metodológicas de pesquisa, alinhado com os estudos feministas de ciência e tecnologia, principalmente inspirado em Donna Haraway (2000). Coloquei algumas referências sobre figurações no final, caso queira saber mais! Inclusive, um manual “faça você mesmo” produzido pela Clarissa Reche (Costa, 2024), parte do Labirinto. Em nossas pesquisas – minha, do Luis e de diversas outras do Labirinto – utilizamos bastante essa metodologia.

Luis: E vai funcionar da seguinte forma: nós analisamos todo o nosso histórico de conversas e elegemos alguns trechos e acontecimentos como mais representativos. Optamos por regravar esses áudios devido à qualidade do som, mas mantivemos algumas interjeições e anedotas, como eu escolhendo cebolas no mercado e a Mariath desenhando células no parque. Muitas vezes, regravamos esses áudios na íntegra. Então, você nos ouvirá, de maneira intercalada, ao longo dos últimos quatro anos, participando de uma grande conversa conosco. E, ah, antes de cada áudio, você nos ouvirá dizendo a data e o local, como uma carta.

Fernanda: Uma das motivações desse formato foram as publicações científicas de Ana Clara Damásio em formato de cartas, como a carta que ela escreveu para Lélia González (Santos, 2024). Vale a pena conferir! Todas as autoras, textos e episódios que mencionarmos estarão nas referências. Vocês vão perceber também que, ao longo do capítulo, eu vou estar falando de vários lugares diferentes. Muitas dessas viagens foram realizadas no contexto de gravações do *podcast Mundaréu*. Convido vocês a me acompanharem e escutarem os episódios gravados

nessas cidades! Eu faço parte da equipe desde o ano passado, e está em andamento um projeto que tem como objetivo principal mapear pesquisas socioantropológicas da ciência e da tecnologia com perspectivas feministas na América Latina. Assim, todos esses percursos foram parte fundamental para a construção da minha pesquisa. O *Mundaréu* tem explorado o *podcast* como ferramenta para tornar a pesquisa algo social, ética e politicamente informada, produzindo e comunicando conhecimento situado. É também, imersos nesse movimento, que decidimos construir este capítulo como uma peça audiovisual, sendo um roteiro de *podcast*. Então, vamos lá!

Trecho da música “Feminista *in vitro*”

BLOCO 1: NOSSA FORMA(ÇÃO) FARMACÊUTICA

Luis: Rio de Janeiro, 10 de março de 2020

Som de notificação

Som do áudio do *WhatsApp* (começo)

Fernanda: Oi Luis, como você tá? Então, queria uma opinião sua. Eu assisti a um *TED Talk* e tô meio obcecada! Foi apresentado por uma médica estadunidense, Alysson McGregor. Ela defende que sexo e gênero importam na saúde, trazendo exemplos de como as mulheres foram negligenciadas na história da medicina. Dois exemplos emblemáticos que ela traz são relacionados a efeitos adversos de medicamentos. Sabia que tem um medicamento, o Ambien, nos Estados Unidos, cuja dose é diferente entre homens e mulheres? E a justificativa é que seria perigoso para as mulheres devido aos efeitos colaterais? Isso me deixou com uma pulga atrás da orelha e comecei a perceber que em diversas disciplinas os professores comentaram que mulheres têm mais efeitos adversos a medicamentos. Mas, quando fui atrás de explicações, não encontrei nada muito organizado. Fiquei pensando em talvez fazer uma revisão sistemática sobre o assunto, mas estou tendo dificuldade de encontrar alguém para me orientar. Será que alguém

do seu laboratório toparia? Confesso que estou começando a me questionar se tomei a melhor decisão ao optar por não defender meu trabalho de conclusão de curso com os resultados do laboratório onde fiz iniciação científica. Estou sentindo que compliquei a minha vida. Eu adorava o que fazia, com os experimentos com células e proteômica. Mas eu realmente queria me sentir mais conectada com a minha pesquisa, sabe?

Som do áudio do *WhatsApp* (final)

Fernanda: Rio de Janeiro, 20 de junho de 2020

Som de notificação

Som do áudio do *WhatsApp* (começo)

Luis: Vem para farmacoepidemiologia, amigaaaaa!!! Amiga, como te falei, os professores lá do laboratório estão super sobrecarregados, com muitos orientandos de Trabalho de Conclusão de Curso. A pandemia também está impondo vários desafios, porque os professores, assim como nós, estão perdidos em relação à orientação e às aulas. Mas eu acho super relevante a ideia de discutir eventos adversos em mulheres, é inovador tanto para o laboratório quanto para a literatura. Se precisar de algo, me avise! Por aqui, estou tentando trabalhar na minha monografia. Acho que vou continuar estudando o uso de cannabis medicinal para crianças e adolescentes com epilepsia refratária, mas queria algo mais direcionado para as políticas públicas, garantia de acesso, barreiras no uso. Não sei ainda, tô pensando.

Som do áudio do *WhatsApp* (final)

Luis: Rio de Janeiro, 30 de abril de 2021

Som de notificação

Som do áudio do *WhatsApp* (começo)

Fernanda: Oi, amigo, então tomei uma decisão! Eu insisti, tentei, mas acabei desistindo desse tema de eventos adversos a medicamen-

tos. Não estava andando. Decidi fazer com o professor Leopoldo. Eu já estou há um tempo no projeto que ele coordena, o PlantaCiência. Além da divulgação científica, ele tem trabalhado com etnobotânica histórica, principalmente lendo obras dos naturalistas e dialogando os dados sobre plantas úteis e medicinais com evidências farmacológicas atuais. Vou fazer algo nessa linha, mas falei que só faço se for com a obra de uma mulher! De novo, compliquei minha vida. Ele já tinha uma lista de obras e naturalistas. Vou ter que voltar uns passos e fazer um trabalho prévio de buscar naturalistas mulheres e suas obras, mas estou bem empolgada! Ah, comecei a fazer um curso online sobre feminismos da Federal do Rio Grande do Sul. E estou ainda mais encucada com sexo e gênero na pesquisa biomédica! Sabia que, praticamente, não usam animais e células do sexo feminino? Dão preferência para os modelos masculinos. Vou ter que encontrar uma brecha para me inserir nessa discussão, mas por enquanto, isso fica nos planos da Fernanda do futuro.

Som do áudio do *WhatsApp* (começo)

Som do áudio do *WhatsApp* (final)

Fernanda: Rio de Janeiro, 30 de abril de 2021

Som de notificação

Som do áudio do *WhatsApp* (começo)

Luis: Amiga, já te falei que o mundo é seu! Tenho certeza que vai ser incrível tudo o que você se propuser a fazer. E tenho certeza que você vai encontrar seu caminho para pesquisar o que está te instigando, isso é muito importante. Eu decidi que vou fazer a minha monografia com o tema da cannabis medicinal mesmo. Mas vou trabalhar com a ideia de barreiras ao uso desses produtos. Na minha iniciação científica, conversei com muitas famílias, principalmente mães, que encontravam dificuldades das mais distintas dimensões para manter o tratamento. Acho que vou fazer uma revisão da literatura sobre isso, trabalhando

sobretudo com pesquisas qualitativas, que tenho super me interessado nos últimos tempos, desde que fiz uma disciplina sobre abordagens socioantropológicas com a professora Elaine Brandão no Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da UFRJ.

Som do áudio do *WhatsApp* (final)

Luis: Rio de Janeiro, 30 de setembro de 2022

Som de notificação

Som do áudio do *WhatsApp* (começo)

Fernanda: Oi amigo, como você tá? Quanto tempo, né! Acho que a última vez que te vi foi naquela festa caótica na reitoria. Então, tenho novidades. Apliquei para um programa de mestrado em Divulgação Científica e Cultural na Unicamp. Você sabe que eu estava no maior drama para encontrar um orientador. Tava realmente difícil, estava sentindo que simplesmente não tinha espaço para fazer discussão sobre sexo e gênero na pesquisa com células. Mas esses dias, o Paranhos me mandou um artigo e um currículo Lattes dizendo que tinha encontrado minha orientadora! E não é que ele encontrou mesmo? Sério, amigo, estou completamente apaixonada. Nem sei o que vou fazer se eu não passar! Mas essa professora é Daniela Manica, antropóloga, e tem um trabalho muito interessante sobre as células mesenquimais do sangue menstrual. São como células-tronco e, por serem do sangue menstrual, são associadas a corpos femininos. Na pesquisa etnográfica que ela fez em um laboratório aqui na UFRJ, ela observou que essas células praticamente não são utilizadas! É muito doido pensar que, historicamente, a pesquisa biomédica deu preferência por modelos masculinos, aí uma célula que é lida como feminina, isso é tratado como um impeditivo! A inconsistência e incoerência ficam muito evidentes, parece a brecha perfeita! É a partir disso que desenhei meu projeto para olhar para as diferenças entre os sexos em células-tronco.

Som do áudio do *WhatsApp* (final)

Fernanda: Rio de Janeiro, 30 de setembro de 2022

Som de notificação

Som do áudio do *WhatsApp* (começo)

Luis: Amiga, com toda certeza você vai brilhar na entrevista do mestrado e todo mundo vai ficar encantado. Também estou em um programa de pós-graduação em São Paulo e, por coincidência, com colaborações na Unicamp, mas na área de farmacoepidemiologia. O processo seletivo foi bastante parecido com o seu e deu certo. Mas eu continuo na farmacoepidemiologia, acabei não conseguindo fazer o mestrado nas ciências humanas, como estava considerando. Nesse momento, estou fazendo uma revisão sistemática e uma análise de impacto orçamentário sobre o uso de antipsicóticos de segunda geração no Transtorno do Espectro Autista. A dissertação está vinculada a um trabalho que tenho feito como metodologista no Ministério da Saúde e acho que vai ser super interessante e relevante. Não precisei sair do Rio, porque com a pandemia, acabei precisando fazer as disciplinas de forma remota. Foi sofrido, mas deu certo.

Som do áudio do *WhatsApp* (final)

Trecho da música “Feminista *in vitro*”

BLOCO 2: DESESTABILIZANDO NOSSA FORMA FARMACÊUTICA

Luis: Campinas, 30 de abril de 2023

Som de notificação

Som do áudio do *WhatsApp* (começo)

Fernanda: Oi amigo, será que você pode me dar uma luz? Estou com uma baita dificuldade de encontrar dados sobre a inclusão de mulheres em ensaios clínicos, especificamente na América Latina. É um trabalho para a disciplina do mestrado. Eu tô fazendo uma discussão sobre o panorama histórico dos ensaios clínicos, focado em questões

de gênero. Desde a criação deles, ao escândalo da Talidomida, as mudanças na política na direção da inclusão de mulheres. Mas tem sido difícil encontrar dados fora do Norte Global e eu não queria fazer essa discussão limitada a isso.

Som do áudio do *WhatsApp* (final)

Fernanda: Rio de Janeiro, 30 de abril de 2023

Som de notificação

Som do áudio do *WhatsApp* (começo)

Luis: Amiga, é muito interessante você falar sobre isso, porque estou trabalhando em uma revisão sistemática que procura investigar eventos adversos em mulheres que utilizam antirretrovirais. Estamos com muitas dificuldades de encontrar dados de ensaios clínicos que tenham estudado exclusivamente as mulheres, ou que tenham apresentado os dados separadamente. Essas coisas de ensaio clínico são complicadas, ultimamente tenho ficado muito pensativo sobre isso, sobretudo depois que li uma tese que problematiza os ensaios clínicos e os processos de racialização envolvidos. Parece que eles usam as precariedades para desenvolver medicamentos, sabe? A tese é da Rosana Castro (2018), da Universidade de Brasília. Se quiser, te mando o texto. Quem indicou foi a professora Elaine Brandão, quando fiz uma disciplina com ela.

Som do áudio do *WhatsApp* (final)

Som de notificação

Som do áudio do *WhatsApp* (começo)

Fernanda: Tô lendo o livro da Rosana Castro (2020) em uma disciplina que a minha orientadora dá sobre estudos culturais da ciência. Estou completamente apaixonada pelo trabalho dela! Achei uma sacada genial a forma como ela organizou a escrita em uma farmacografia, ocupando conceitualmente as ciências farmacêuticas. Trazendo conceitos,

como fármacos, farmacocinética e farmacodinâmica. E ainda ramificando a farmacocinética no clássico ADME: absorção, distribuição, metabolismo e excreção, junto do encaminhamento e fluxo da pesquisa etnográfica. Me lembrou muito as aulas de farmacologia e, ao mesmo tempo, fez eu me sentir menos sozinha nessa trajetória de farmacêutica e mestranda em Divulgação Científica e Cultural, com orientadora antropóloga e pesquisando sexo e gênero em células-tronco.

Som do áudio do *WhatsApp* (final)

Fernanda: Rio de Janeiro, 13 de setembro de 2023

Som de notificação

Som do áudio do *WhatsApp* (começo)

Luis: Amiga, estou ouvindo o *Mundaréu!!!* Que delícia ouvir vocês!! Eu fiquei bastante impressionado em te ouvir em um *podcast* de antropologia, porque quando nos conhecemos na graduação, você era super da bancada. Nunca vi uma pessoa tão apaixonada pelas células e experimentos! Precisamos conversar sobre essa transição. Eu estou pensando na possibilidade de mudar de área no doutorado. Algumas coisas estão me incomodando muito, sobretudo na minha experiência em produzir evidências científicas sobre medicamentos, não sei se vou conseguir aguentar. Mas essa transição, essa forma de pensar não está sendo fácil, amiga! Eu vivo em crise! Agora estou lendo o livro do Bruno Latour (2000), *Ciência em ação*, e a crise está ficando maior. Achei muito interessante ver que, justamente enquanto vivo essa crise, ouço você me falar que está entrando no mundo da antropologia da ciência e da tecnologia. Deve ser um sinal. Estou com tanta saudade. Temos que atualizar nossas fofocas acadêmicas.

Som do áudio do *WhatsApp* (final)

Fernanda: Rio de Janeiro, 3 de outubro de 2023

Som de notificação

Som do áudio do *WhatsApp* (começo)

Luis: Ai, amiga, foi tão bom te encontrar!!! Nosso café rendeu, né? Temos que marcar outros, que bom que você veio para o Rio gravar mais um episódio e conseguimos nos encontrar. Eu vou te enviar as referências que conversamos e também queria que você me mandasse as suas. Esse processo de transição não está sendo fácil. Estou finalizando minha dissertação, ao mesmo tempo em que estou me preparando para o processo seletivo para o doutorado na área de Ciências Humanas e Saúde lá no Instituto de Medicina Social. Saber que tenho você vivendo coisas muito parecidas me alivia, sabe? As pessoas, em geral, não entendem, estou me sentindo mais acolhido agora. Precisamos escrever sobre esse processo interdisciplinar e o trânsito entre áreas. Por favor, vamos colocar isso na agenda!

Som do áudio do *WhatsApp* (final)

Luis: Maceió, 27 de outubro de 2023

Som de notificação

Som do áudio do *WhatsApp* (começo)

Fernanda: Oi amigo, tô em Maceió! Vim para o evento da Associação Brasileira de Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias, a Esocite. BR! O *Mundaréu* organizou uma mesa linda sobre perspectivas feministas sobre ciência e tecnologia. A gente gravou e vai virar um episódio depois, aí te mando! Acho que você vai gostar bastante. Nossa, o evento todo tá muito legal. Vai ter palestra da Ruha Benjamin!!! Tô super empolgada. Eu tô lendo o livro dela *People's Science: Bodies and Rights on the Stem Cell Frontier* (Benjamin, 2013). Está me ajudando bastante a construir a relação entre célula e corpo que quero trazer para discussão na minha dissertação. E também a articular sobre a diferença entre a inserção de células femininas e o endereçamento de questões relevantes para mulheres na pesquisa biomédica. Eu já comentei com você que no Norte Global, principalmente nos EUA, tem várias políticas que têm tornado obrigatória a inclusão de células femininas e que elas sempre aparecem com a justificativa de melhorar a saúde das mulhe-

res. Mas fico na dúvida se realmente as mudanças estão caminhando nessa direção... Nossa, muitas questões e crises. Apresentei resultados parciais do levantamento que fiz sobre diferenças entre os sexos em células-tronco em um grupo de trabalho, correu tudo certo! Ah, tem um trecho do capítulo “*Race for Cures*”, desse livro da Benjamin, que lembrei bastante da sua pesquisa, vou te mandar!

Som do áudio do *WhatsApp* (final)

Luis: Goiânia, 21 de novembro de 2023

Som de notificação

Som do áudio do *WhatsApp* (começo)

Fernanda: Oi amigo querido, como você tá? Acabei de chegar em Goiânia, tô no aeroporto. Nem te contei, na Esocite.BR, jantei um dia com a professora Rosana!!! Falamos muito bem de você, tô com tanta saudade. Eu vim para a Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia. Eu vou apresentar também em um grupo de trabalho, organizado pelas professoras Fabíola Rohden e Marina Nucci. Nunca estive tão nervosa para apresentar um trabalho! Elas são mega referências no meu projeto e decidi levar minhas perguntas de pesquisa, abrir o que tô pensando, elaborando... Me deseje sorte!!!

Som do áudio do *WhatsApp* (final)

Fernanda: Rio de Janeiro, 27 de novembro de 2023

Som de notificação

Som do áudio do *WhatsApp* (começo)

Luis: Mentira amiga, ela lembrou de mim??? Eu tenho novidades! Acho que passei no doutorado! A prova foi muito legal; senti um enorme prazer ao fazer as leituras, sabe? A entrevista também foi bem tranquila, e acho que o pessoal recebeu bem o projeto. Agora é aguardar a classificação final. O pior já passou! Finalmente encontrei um lugar e uma orientadora para explorar essas questões que tanto me inquie-

tam e me colocam em crise. Vou continuar estudando os antipsicóticos, que foram meu foco no mestrado, mas agora com uma abordagem antropológica. Meu plano é realizar uma etnografia que aborde o desenvolvimento desses medicamentos, a experimentação farmacêutica, a regulamentação sanitária, a incorporação ao Sistema Único de Saúde (SUS) e seu uso nas rotinas de cuidado. Quero muito ouvir as famílias, sabe? Espero encontrar meu lugar como pesquisador em algum momento. Mas e as apresentações, como foram? Me conta tudo! Eu adoro a Fabíola e a Marina. Gosto muito da tese da Marina (Nucci, 2015) e me identifico bastante com alguns pontos que ela traz sobre as neurofeministas.

Som do áudio do *WhatsApp* (final)

Fernanda: Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 2024

Luis: Amiga, deu tudo certo na matrícula! Em breve, minhas aulas no doutorado começam, e estou super animado para explorar as leituras das disciplinas. Nesse semestre, vou cursar Teoria Social, Metodologia e uma eletiva com a Rosana sobre negacionismos. Desde o nosso último encontro, tenho pensado muito sobre utopia. Tenho refletido sobre como a utopia pode ser uma forma transgressora de imaginar uma realidade possível, algo que faça sentido para nós, que acreditamos nisso, sabe? Lembrei que, na primeira vez em que apresentei minha proposta de doutorado em um seminário interdisciplinar sobre tecnologias, um dos avaliadores fez um comentário que me deixou pensativo. Ele disse que meu trabalho parecia “ficção científica”. Não fez nenhuma contribuição concreta, só olhou e soltou: “Nossa, legal, parece uma ficção”. Fiquei chateado na hora, mas agora, depois de ler o texto da Dani sobre biografia e etnografia, nem estou mais tão ofendido (Manica, 2010). Quem sabe essa dicotomia entre ficção e realidade não seja só mais uma dessas divisões imaginárias que os “modernos” inventaram, né?

Som de notificação

Som do áudio do *WhatsApp* (começo)

Fernanda: Rio de Janeiro, 19 de março de 2024

Luis: Amiga, é bem tenso, viu! Outro dia mandei mensagem para a Rosana, em crise, falando de novo que estava me sentindo perdido e atrasado. Tudo começou quando, em uma das aulas, uma professora perguntou: “Quem aqui sabe bastante de Durkheim?”. Eu mal sabia quem era o sujeito. Só lembrava de ter ouvido algo no ensino médio. E não é só o bendito Durkheim! Tem também o Weber e vários outros autores que desconheço, o que torna as leituras um baita desafio. Mas, apesar disso, estou me sentindo bem acolhido. Estou tentando transformar essas crises em dados autoetnográficos. Sempre que esses incômodos e sentimentos me atravessam, escrevo sobre eles no meu diário de pesquisa. A cada dia que chego no Instituto de Medicina Social, sinto mais segurança na minha escolha. Tem projetos incríveis sendo construídos aqui, e isso me deixa muito empolgado! Estou desabafando tudo isso enquanto escolho as cebolas no mercado (risos)! Adoro te mandar essas cartas-diários enquanto faço minhas atividades do dia a dia. Parece que você está aqui comigo, compartilhando cada detalhe.

Som do áudio do *WhatsApp* (final)

Luis: Campinas, 19 de março de 2024

Som de notificação

Som do áudio do *WhatsApp* (começo)

Fernanda: Tô aqui mudando a cor do meu cabelo. Enquanto espero o tonalizante agir, vou te responder! Amigo, ouvindo todos os seus áudios, fico com uma sensação: acalme seu coração, respire. Você acabou de entrar no doutorado. Está saindo de uma área para dialogar com outra. Eu também me sinto super perdida; essas crises acontecem. E realmente, o volume de leitura é intenso, e eu também me sinto constantemente atrasada. Mas calma, você acabou de começar. Ah, eu tenho

uma novidade! Vou produzir uma série de *podcasts* sobre minha pesquisa. Vou partir das células mesenquimais do sangue menstrual para mobilizar uma discussão sobre como o corpo do homem branco é tratado como universal, enquanto todos os outros são excluídos. Isso, claro, é permeado por muitas crises. Quando questionamos objetividade, neutralidade e universalidade, o que sobra na ciência? Tenho aprendido que sobra muita coisa! Obrigada por ter me enviado aquele texto da Rosana sobre como as ciências naturais podem aprender com as metodologias das ciências humanas (Pissolito, 2020)!

Som do áudio do *WhatsApp* (final)

Trecho da música “Feminista *in vitro*”

BLOCO 3: NOSSO PERCURSO COMO FÁRMACOS-ATIVOS

Fernanda: Rio de Janeiro, 11 de abril de 2024

Som de notificação

Som do áudio do *WhatsApp* (começo)

Luis: Amiga, estou escrevendo um texto para o dossiê sobre interdisciplinaridade e saúde do boletim *Ciência, Tecnologia e Sociedade* (CTS). Estou vasculhando meu caderno de campo e refletindo muito sobre a etnografia como uma forma de produção de conhecimento que escape ao controle, bem diferente dos ensaios clínicos, randomizados e controlados por placebo. Tenho pensado bastante sobre como minha decisão de focar apenas nos “fatos científicos” sobre os medicamentos, deixando de lado as “rotinas de cuidado” – algo que discutimos recentemente – reflete essa forma farmacêutica de produzir conhecimento, que ainda está profundamente enraizada em mim. Além disso, venho pensando na ideia de bricolagem intelectual da Mariza Peirano (2014). Você acha que isso faz sentido? Vou mandar meu texto para você ler e opinar. Também tenho refletido muito sobre essas nossas desestabilizações diárias. Essa imersão alternada, ora nas ciências farmacêuticas, ora nas ciências humanas – e às vezes em ambas ao mesmo tempo

– nos coloca em uma posição de “não lugar”. Ou talvez, mais exatamente, de um lugar móvel: “ora lá, ora cá”. Essa condição é permeada por crises e desconfortos, mas também faz parte dos desafios impostos pelo trânsito entre áreas e pelo diálogo interdisciplinar. Tentei traduzir essas reflexões no texto. Essa é apenas uma primeira versão simplificada. Ainda temos muito a construir juntos!

Som do áudio do *WhatsApp* (final)

Luis: Praia Grande, 18 de abril de 2024

Som de notificação

Som do áudio do *WhatsApp* (começo)

Fernanda: Amigo, eu amei seu texto!!! Amei, amei, amei. Sério, que prazer te ler, te ouvir, trocar com você. Tenho muita sorte. Tô aqui em Praia Grande, vim visitar uns amigos e tomei um banho de mar hoje. Era tudo que eu precisava, sabe? Para me recarregar, recentralizar. Fiquei muito mexida lendo seu texto. Vê se faz sentido: um fármaco precisa desvincular-se de sua forma farmacêutica para ter o seu efeito terapêutico, certo? Considerando que a forma farmacêutica é o “estado final” produzido a partir de “operações farmacêuticas”, fico pensando se a nossa graduação em farmácia não foi a construção da nossa própria forma farmacêutica – de pensar o mundo e de fazer ciência. E que a gente, como farmacêuticos, passou por um processo similar ao dos fármacos: após um longo percurso de formação, moldado e conformado por operações farmacêuticas (as disciplinas, o tempo em laboratório, os experimentos em bancada), finalmente nos desvinculamos da nossa forma farmacêutica – do seu logos e da sua maneira de produzir conhecimento – ao decidir fazer pós-graduação em programas interdisciplinares.

Som do áudio do *WhatsApp* (final)

Fernanda: Rio de Janeiro, 18 de abril de 2024

Som de notificação

Som do áudio do *WhatsApp* (começo)

Luis: Amiga, a Rosana amou o seu comentário e deu total apoio para que a gente escreva um texto sobre a forma farmacêutica, em uma discussão socioantropológica. Fiquei pensando em como isso está alinhado ao uso de termos de áreas que, em geral, não dialogam com as ciências humanas para abordar questões sobre a problematização da ciência. Exemplos disso são a “farmacografia” da própria Rosana (Castro, 2018), a “posografia” da Fernanda dos Santos de Macedo e da Paula Sandrine Machado (2023), e as “interações medicamentosas” da Cíntia Engel (2020). Nós permanecemos farmacêuticos, mas foi só ao abrir mão dessa “forma farmacêutica” de produção de conhecimento que conseguimos imaginar outros encontros com a pesquisa – encontros que colocam em perspectiva nossa própria existência como pessoas geográfica e socialmente localizadas. Para decodificar essa forma farmacêutica, realizamos um processo que o Joseph Dumit (2014) chama de “implosão” da nossa formação original como farmacêuticos. Esse movimento nos permitiu restituir a reflexividade em nosso processo de pesquisa, algo que temos experimentado ao explorar novas formas interdisciplinares e coletivas de fazer ciência.

Som do áudio do *WhatsApp* (final)

Luis: Campinas, 24 de maio de 2024

Som de notificação

Som do áudio do *WhatsApp* (começo)

Fernanda: Oi amigo, como você tá? Tô aqui na pracinha, do lado de casa, aproveitando o sol e desenhando células com giz de cera. Você sabe que fiquei muito mexida com a aula que a Rosana Castro deu, né? Foi na aula inaugural do meu mestrado este ano. Tô elaborando uma ideia, mas não sei se faz sentido! Quero ouvir sua opinião, e seja

sincero comigo. Nesse dia da aula inaugural, depois fiquei conversando com a professora Rosana, e ela me fez uma pergunta: qual é o X da questão? – fazendo um trocadilho com o formato dos cromossomos, o cromossomo X e também a expressão popular. Fiquei com isso na cabeça. Estou pensando em organizar minha escrita como uma viagem de dentro para fora da célula. Começaria no núcleo, onde estão os cromossomos, que definem o sexo da célula. A partir disso, discutiria sobre sexo e gênero, mas também traria o X da questão para apresentar meu problema de pesquisa. A última parada seria no Complexo de Golgi, que é responsável pela exportação da célula. Nessa parte, falaria sobre a série de *podcast* que vou produzir sobre a pesquisa e discutiria como “exportar” essa discussão por meio da divulgação científica.

Som do áudio do *WhatsApp* (final)

Fernanda: Rio de Janeiro, 1 de junho de 2024

Som de notificação

Som do áudio do *WhatsApp* (começo)

Luis: Amiga, estou obcecado por essa ideia!!! Acho que vai ficar lindo demais, já estou empolgado para ler, ouvir e acompanhar. Estou estruturando os argumentos da minha tese com base no acrônimo da farmacocinética: o ADME – absorção, distribuição, metabolismo e excreção. Em “absorção”, quero trabalhar historicamente como determinados fármacos são absorvidos por certas categorias diagnósticas. No meu caso, como os antipsicóticos se tornaram possibilidades farmacoterapêuticas para o autismo? Em “distribuição”, vou abordar a regulamentação sanitária, etapa do ciclo farmacológico em que os medicamentos são distribuídos entre os países, assim como os fármacos são distribuídos nos tecidos do corpo. “Metabolismo” na farmacologia refere-se à transformação – as mediações enzimáticas que preparam o fármaco para ser excretado, convertendo-o em metabólitos (ativos ou não). Nessa etapa, quero apresentar a história de uma família que acompanho há alguns anos. A ideia é descrever como lidam com os antipsicóti-

cos em suas rotinas de cuidado, atravessando diferentes espaços, como escolas e serviços de saúde. Pretendo explorar aquilo que escapa à ação central dos medicamentos, desestabilizando as lógicas e procedimentos de experimentação farmacêutica e protocolos clínicos. Por fim, em “excreção”, etapa em que o fármaco é eliminado do corpo do usuário (via fígado, rins, fezes e urina), me leva a outro campo de reflexão. Após serem excretados, os fármacos encontram novas matrizes biológicas não humanas – rios, lagos, peixes, algas – e continuam seu ciclo farmacológico. Quero problematizar os fármacos como parte dos químicos que poluem as nossas águas, os nossos solos, enfim, o planeta. Espero que isso faça sentido (risos).

Som do áudio do *WhatsApp* (final)

Luis: Rio de Janeiro, 6 de julho de 2024

Som de notificação

Som do áudio do *WhatsApp* (começo)

Fernanda: Oi querido, como você tá? Sei que estamos no mesmo estado, mas podemos trocar cartas-diários mesmo assim, né? Quero já te dar atualizações: fiz entrevistas!! Com pesquisadores que trabalham com células-tronco. Sério, foi muito interessante, e acho que tô com um material bem legal. Já estou animada para analisar. Tenho pensado que o *podcast* não é apenas uma ferramenta para produção de um produto final de divulgação científica. Acho que o *podcast* é minha metodologia de pesquisa. Ainda estou elaborando isso. Eu acho que não vou conseguir te encontrar para tomar nosso café. Mas vou voltar no final do mês para o aniversário da minha mãe, então com certeza nos encontraremos. Estava pensando: preciso muito começar as análises dessas entrevistas. E também preciso, desesperadamente, avançar na escrita da minha qualificação. O que você acha de escrevermos juntos? Eu posso ir te encontrar na UERJ. Passamos a manhã escrevendo, almoçamos, e à tarde trocamos os textos para comentários e sugestões. Me diz se você topa!

Som do áudio do *WhatsApp* (final)

Luis: Campinas, 13 de setembro de 2024

Som de notificação

Som do áudio do *WhatsApp* (começo)

Fernanda: Amigo, foi muito bom escrever com você naqueles dias de agosto. E se a gente de fato escrevesse juntos dessa vez? Um texto em coautoria? Acabei de receber um convite para propor um capítulo para o livro que meu laboratório está organizando, com o objetivo de sistematizar as metodologias de trabalho que temos desenvolvido. Eu pensei que seria o espaço perfeito para escrevermos aquele texto sobre a forma farmacêutica! O que você acha? Na mesma hora, consegui visualizar o texto, trazendo trechos das nossas cartas-diários e apresentando a narrativa de como nossas pesquisas foram construídas nesse processo de nos tornarmos fármacos-ativos. A gente pode estruturar o texto como um roteiro de *podcast*! O Labirinto é o espaço perfeito para experimentarmos diferentes formatos e formas.

Som do áudio do *WhatsApp* (final)

Fernanda: Rio de Janeiro, 13 de setembro de 2024

Som de notificação

Som do áudio do *WhatsApp* (começo)

Luis: Amiga, sim!!! Pode contar comigo! Vamos reviver nossa história através de uma bricolagem afetivo-intelectual. Isso tudo vem de um desejo de valorizar o afeto e o “fazer juntos”, né? O que se distancia das epistemologias hegemônicas, massificantes e universalistas, como a discussão que Maria de la Bellacasa (2023) faz. Já te mandei esse texto? Mais do que produzir dados de maneira extrativista, pensamos nossas pesquisas a partir de uma ético-política feminista, que contribui para um projeto de ciência capaz de oferecer uma explicação mais rica do mundo e do modo de viver bem nele, com outros

seres humanos e outros mais do que humanos. Isso até me lembrou do nosso último café, quando eu falava sobre pesquisar com famílias de crianças que utilizam medicamentos antipsicóticos. Eu te contei sobre o medo que me persegue de ter minha pesquisa de doutorado invalidada, porque estou fazendo pesquisa de campo com apenas uma família. Lembro de ter dito que esse era um esforço de conhecer profundamente a família e “fazer a vida” com ela, sem essas noções paranoicas de distanciamento, mas priorizando o vínculo, o toque: pensando o cuidado com cuidado. Você, com sua doçura e sensatez, olhou no fundo dos meus olhos e disse: “Amigo, para de ser farmacêutico demais! Para de pensar nessa forma farmacêutica!”. Nunca vou me esquecer desse dia.

Trecho da música “Feminista *in vitro*”

Fernanda: Esse foi o capítulo “A forma farmacêutica em perspectiva: cartas-diários como modos de fazer ciência feminista”. Esse livro é um esforço do Labirinto para reunir materiais que compartilham os múltiplos caminhos metodológicos de modos de fazer ciência pelas pesquisadoras desse laboratório, do qual faço parte. A gente pesquisa temas como femininos, corpos, biografias, culturas científicas, tecnologias e divulgação científica. Eu convidei o Luis para escrever comigo, porque nossos caminhos (metodológicos e diversos) se encontraram, se encontram e temos planos de que continuem se encontrando no futuro. A gente agradece a escuta e convidamos vocês a conhecerem os outros capítulos do livro. Todos muito interessantes, vale a pena conferir! Agradecemos a equipe do *Mundaréu* e do Labirinto. A trilha sonora foi composta por Gabriel Marçal. A edição foi feita por mim, Fernanda Mariath. Tanto o roteiro quanto a narração foram feitos por nós dois, Fernanda Mariath e Luis Philipe Nagem Lopes. Um agradecimento especial, com muito afeto, às nossas orientadoras, Daniela Manica e Rosana Castro. À Capes, agradecemos por nossas bolsas de mestrado e doutorado, além das nossas universidades e nossos programas de pós-graduação por todo o apoio. Convidamos vocês a co-

nhecerem mais o *Mundaréu* através do site mundareu.labjor.unicamp.br. A série da minha pesquisa de mestrado, *Feminista in vitro*, sairá por lá em breve. Até o futuro, a gente se escuta por aí!

Trecho da música “Feminista *in vitro*”

EXPEDIENTE DA GRAVAÇÃO

Apresentação: Fernanda Mariath e Luis Philipe Nagem Lopes

Transcrição: Fernanda Mariath e Luis Philipe Nagem Lopes

Roteiro: Fernanda Mariath e Luis Philipe Nagem Lopes

Montagem e edição do episódio: Fernanda Mariath

Revisão da transcrição do roteiro: Fernanda Mariath, Luis Philipe Nagem Lopes e Daniela Manica

Trilha sonora: “Feminista *in vitro*” de Gabriel Marçal

Agradecimentos: À Capes, pelas bolsas de mestrado e doutorado. Daniela Manica, Rosana Castro, Elaine Brandão, Fernando Camargo, Clarissa Reche, Irene do Planalto Chemin e Gabriel Marçal.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 17 nov. 2024.

BELLACASA, Maria Puig de la *et al.* O pensamento disruptivo do cuidado. **Anuário Antropológico**, [S. l.], v. 48, n. 1, p. 108-133, 2023.

BENJAMIN, Ruha. **People’s science: bodies and rights on the stem cell frontier**. Stanford, CA: Stanford University Press, 2013.

BRANDÃO, Elaine Reis. Contracepção reversível de longa duração para mulheres “em situação de vulnerabilidade”: racismo institucional no Sistema Único de Saúde (SUS). **Anuário Antropológico**, v. 47, n. 2, p. 185-204, 2022a.

BRANDÃO, Elaine Reis. Gênero, ciência e Saúde Coletiva: desconstruindo paradigmas na formação interdisciplinar universitária. **Interface–Comunicação, Saúde, Educação**, [S. l.], v. 26, p. e210334, 2022b.

CASTRO, Rosana. **Precariedades oportunas, terapias insulares**: economias políticas da doença e da saúde na experimentação farmacêutica. 2018. 506 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/34204>. Acesso em: 6 nov. 2024.

CASTRO, Rosana. **Economias políticas da doença e da saúde**: uma etnografia da experimentação farmacêutica. São Paulo: Hucitec, 2020

COSTA, Clarissa Reche Nunes da. **Manchando**: (o que) fazer (com) a menstruação. Estratégias e experimentos para vazar questões feministas através das tecnociências. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2024.

DUMIT, Joseph. Writing the Implosion: Teaching the World One Thing at a Time. **Cultural Anthropology**, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 344-362, 2014.

ENGEL, Cíntia Liara. **Partilha e cuidado das demências**: entre interações medicamentosas e rotinas. 2020. 442 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/38126>. Acesso em: 6 nov. 2024.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2000 [1985]. p. 37-130.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Unesp, 2000.

MACEDO, Fernanda dos Santos de; MACHADO, Paula Sandrine. Posografia: experimentando uma pesquisa a conta-gotas. **Ilha Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 218-236, 2023.

MANICA, Daniela. Autobiografia, trajetória e etnografia: notas para uma Antropologia da Ciência. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 9, n. 105, p. 69-77, 2010. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9192>. Acesso em: 9 nov. 2024.

NUCCI, Marina. “**Não chore, pesquise!**”: reflexões sobre sexo, gênero e ciência a partir do neurofeminismo. 2015. 222 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/bitstream/1/4748/2/Tese%20-%20Marina%20Nucci%20-%202015%20-%20Completa.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2025.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, [S. l.], v. 20, p. 377-391, 2014.

PISSOLITO, Camila. Como as ciências humanas podem ajudar as ciências naturais: problematizações do método científico. **Comciência**, Dossiê 218, 10 jun. 2020. Disponível em: <https://www.comciencia.br/como-as-ciencias-humanas-podem-ajudar-as-ciencias-naturais-problematizacoes-do-metodo-cientifico/> acesso em 28 abr. 2025.

SANTOS, Ana Clara Sousa Damásio. UMA CARTA À LÉLIA GONZÁLEZ. **Recital** – Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara/MG, v. 6, n. 1, p. 200-206, 2024. Disponível em: <https://recital.almenara.ifnmg.edu.br/recital/article/view/458>. Acesso em: 17 nov. 2024.

MATERIAL COMPLEMENTAR

BEERY, Annaliese K.; ZUCKER, Irving. Sex bias in neuroscience and biomedical research. **Neuroscience & Biobehavioral Reviews**, v. 35, n. 3, p. 565-572, 2011. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0149763410001156>. Acesso em: 2 set. 2024

DAMÁSIO, Ana Clara Sousa. Uma carta para Oxum. **Revista Calundu**, v. 8, n. 1, p. 110-113, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/51754>. Acesso em: 17 nov. 2024.

DE OLIVEIRA, Jardel Corrêa *et al.* Rates of adverse events of antiretroviral therapy in women living with HIV/AIDS: a systematic review and meta-analysis. **BMJ open**, v. 14, n. 7, p. e079292, 2024.

DINIZ, Debora. **Carta de uma orientadora**: Sobre pesquisa e escrita acadêmica. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2024.

LOPES, Luis Phillipe Nagem. Quando os estudos sociais da ciência encontram um farmacêutico: notas curtas sobre desestabilizações. **CTS em foco**, v. 4, n. 1, 2024.

LOPES, Luis Phillipe Nagem *et al.* Use of second-generation antipsychotics in autism spectrum disorder: a systematic review and meta-analysis protocol. **BMJ open**, v. 13, n. 6, p. e069114, 2023a.

LOPES, Luis Phillipe Nagem; ITRIA, Alexander; LOPES, Luciane Cruz. Budget Impact Analysis of Risperidone Use and Adverse Event Monitoring in Autism Spectrum Disorder in Brazil: Assessment of Theoretical Versus Real Data. **PharmacoEconomics-Open**, v. 7, n. 6, p. 951-961, 2023b.

MANICA, Daniela; RECHE, Clarissa. Oficina de figurações: imagens para os tempos que virão. **Blog do Labirinto**, 14 de março de 2022. Disponível em: <https://www.labirinto.labjor.unicamp.br/oficina-de-figuracoes-imagens-para-os-tempos-que-virao/>. Acesso em: 7 jul. 2024.

MANICA, Daniela Tonelli; GOLDENBERG, Regina Coeli Dos Santos; ASENSI, Karina Dutra. CeSaM, as Células do Sangue Menstrual: Gênero, tecnociência e terapia celular. **Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 20, n. 1, 2018. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/35862>. Acesso em: 1 out. 2024.

MARIATH, Fernanda; BARATTO, Leopoldo C. Mulheres cientistas extraordinárias. **Ciência Hoje**, CH 372, 2020. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/mulheres-cientistas-extraordinarias/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

MARIATH, Fernanda; BARATTO, Leopoldo C. Female naturalists and the patterns of suppression of women scientists in history: the example of Maria Sibylla Merian and her contributions about useful plants. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 19, n. 1, p. 17, 2023.

MCGREGOR, Alysson. Why medicine often has dangerous side effects for women. **Providence: TedX**, 2014. Disponível em: https://www.ted.com/talks/alyson_mcgregor_why_medicine Often_has_dangerous_side_effects_for_women. Acesso em: 13 mai. 2024.

MUNDARÉU #21: Todo laboratório é sobre pessoas. Entrevistadoras: Daniela Manica e Soraya Fleischer. Entrevistadas: Marisol Marini e Sandra Avila. [S.I.]: Labjor, 1 ago. 2023. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/21-todo-laboratorio-e-sobre-pessoas/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

MUNDARÉU #26: Perspectivas feministas sobre ciência e tecnologia. [Locução de]: Soraya Fleischer, Telma Low, Débora Allebrandt, Laert Malta, Nádia

Meinerz, Isabel de Rose e Clarissa Reche. *[S.I.]*: Labjor, 6 ago. 2024. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/26-2/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

MUNDARÉU #27: As mães que, sim, existem: amamentação e perspectivas feministas. Entrevistadoras: Daniela Manica e Irene do Planalto. Entrevistadas: Marina Nucci e Bianca Balassiano. *[S.I.]*: Labjor, 3 set. 2024. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/27-as-maes-que-sim-existem-amamentacao-e-perspectivas-feministas/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

MUNDARÉU #28: Outubro mais-que-rosa: críticas feministas antirracistas e o câncer de mama. Entrevistadoras: Daniela Manica e Fernanda Mariath. Entrevistadas: Waleska Aureliano e Jacqueline Faria. *[S.I.]*: Labjor, 1 out. 2024. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/28-outubro-mais-que-rosa-criticas-feministas-antirracistas-e-o-cancer-de-mama/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

MUNDARÉU #29: Entre fissuras e cortinas: modos feministas de habitar a memória. Entrevistadoras: Irene do Planalto Chemin e Clarissa Reche. Entrevistadas: Camila Azevedo de Moraes Wichers e Leonardo Tavares Alencar (Ser-Tão, UFG); Luís Felipe Pinheiro e Gisele Gomes Garcia (MIS Goiás). *[S.I.]*: Labjor, 5 nov. 2024. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/29-entre-fissuras-e-cortinas-modos-feministas-de-habitar-a-memoria/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

TONIOL, Rodrigo; FLEISCHER, Soraya (org.). **E quando a limonada antropológica azeda**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2023.

VALENTE, Ana Carolina; LOPES, Luis Phillipe Nagem; MATHEUS, Maria Eliane. Medical cannabis use in oncology and associated outcomes: A scoping review. **Journal of Oncology Pharmacy Practice**, v. 30, n. 4, p. 737-751, 2024.